

DIVERSIDADE HUMANA

BEM-VIVER (RE)EXISTIR EM
TEMPO DE CONFLITOS



II Semana da Diversidade Humana

Diversidade humana

Bem-viver (re)existir em tempo de conflitos



Diretoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:

Profa. Dra. Viviane Castro - São Lucas Educacional Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Presidente do Conselho Editorial:

Prof. Me. Rafael Ademir Oliveira de Andrade, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Conselho Editorial:

Prof. Me. Rafael Ademir Oliveira de Andrade, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Prof. Me. Landerson Laife Batista Gutierrez, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Profa. Dra. Evanice Santos, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Prof. Me. Halanderson Pereira, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Profa. Ma. Aline Ramalho Dias Souza, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Prof. Me. Marcelo Mendes Barbosa, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Prof. Esp. Inaê Nogueira Level, SEDUC MT, Cuiabá, Brasil.

Prof. Me. Cleverton Reikdal, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Prof. Esp. Luciney Araújo Leitão, CAP/UFAC, Rio Branco, Brasil.

Profa. Ma. Elisângela Ferreira de Menezes, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Editor Científico:

Profa. Ma. Elisângela Ferreira de Menezes, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Editor de normalização e assessoria técnica:

Biblioteca Central - Bibliotecário Ueliton Trindade – São Lucas, Educacional Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Suporte tecnológico:

Núcleo de Desenvolvimento Tecnológico – Alana Pellegrini – São Lucas, Educacional Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Comissão organizadora:

Me. Rafael Ademir Oliveira de Andrade
Ma. Elisângela Ferreira de Menezes

Coordenação da Comissão Científica:

Me. Rafael Ademir Oliveira de Andrade

Comissão científica:

Prof. Me. Eliaquim Timóteo da Cunha, UFRR, Boa Vista, Brasil.

Prof. Me. Kary Falcão, FCR, Porto Velho, Brasil.

Profa. Ma. Lauri Miranda, UFGRS, Rio Grande do Sul, Brasil.

Profa. Ma. Juliana Valentini, UFAM, Humaitá, Brasil.

Prof. Esp. Inaê Nogueira Level, SEDUC MT, Cuiabá, Brasil.

Prof. Esp. Luciney Araújo Leitão, CAP/UFAC, Rio Branco, Brasil.

Prof. Me. Fabrício Ricardo Lopes, FIMCA, Porto Velho, Brasil.

Prof. Me. Halanderson Pereira, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Profa. Ma. Aline Ramalho Dias Souza, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Prof. Me. Marcelo Mendes Barbosa, UNISL, Porto Velho, Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

S471 Semana da Diversidade humana do Centro Universitário São Lucas: bem-viver (re)existir em tempo de conflitos (2. : 2018 : Porto Velho, RO). Anais [recurso eletrônico] / organizadores: Rafael Ademir Oliveira de Andrade, Elisângela Ferreira Menezes. – Porto Velho: UniSL, 2019.
12 p.

ISSN

1. Diversidade humana. I. Título. II. Andrade, Rafael Ademir Oliveira de. III. Menezes, Elizângela Ferreira.

CDU 316

APRESENTAÇÃO

Reflexões sobre diversidade humana e resistência em tempos de ódio

Rafael Ademir Oliveira de Andrade

O intuito deste texto é debater uma perspectiva de resistência social aos movimentos odiosos que se põem como alternativa ao cenário atual, que leve em consideração uma “reviravolta epistemológica” no que tange à metodologias, saberes debatidos e experiências construídas. A música “Take the power back” da banda norte americana “Rage against the machine” vai servir base analítica para se pensar novas estruturas que considerem o excluído no processo de fala e legitimidade política de suas reais necessidades de bem viver.

Parto do pressuposto teórico de Aníbal Quijano (2006) ao afirmar que a partir do contato do Europeu com “o outro” este irá organizar as estruturas sociais a partir de sua perspectiva, organizando as colônias, estes grupos se colocarão na parte superior das estruturas coloniais. Ainda a partir de Quijano (2006), como herança da estrutura colonial são desenvolvidas colonialidades – formas do poder, controlando formas de viver, a organização econômica e quais saberes são válidos – que reverberam até os dias atuais na sociedade latino-americana. Obviamente, muito desta estrutura se pode encontrar nas ciências humanas e seus ensinamentos (ou no ensino em geral).

Na perspectiva da colonialidade do saber, que coloca certos saberes como inferiores ou mesmo “não-saberes” – cito como exemplo Achille Mbembe (2014), este afirma que por força desta colonialidade a África é considerada um “não espaço”, o que corrobora com o esvaziamento do sentido de certas culturas nos espaços acadêmicos e escolares.

Debatendo a relação entre saberes das Ciências Sociais e eurocentrismo, Edgardo Lander (2005) afirma que as Ciências Sociais compartilham da episteme colonialista ao se nutrir de algumas perspectivas eurocêntricas: a crença única na eficácia das ciências como formas de apreender e organizar o mundo social, a uniformização e visão unilateral dos saberes e práticas a serem ensinados, a busca apreensiva pela história das ciências sociais como primeira e última forma de ensino, o deslocamento de questões regionais e excessiva orientação para os problemas internacionais, dentre outros contextos.

Uma orientação de uma sociedade que permita romper com esta formação excludente e desigual do mundo requer um desligamento com o caráter universal e natural que é defendido pela sociedade do ultra – consumismo/ideológico/odioso. Em suma, é preciso que o ensino assuma outros saberes, outras formas de viver, que defenda a luta dos grupos indígenas, quilombolas, LGBTTs, de mulheres, do campo, dentre tantas formas subalternizadas, enquanto formas legítimas de saber e viver, pois, são de fato e essa mudança passa inevitavelmente pela educação. A música Take the power back apresenta algumas críticas:

“Eles querem que a gente afirme, prometa, e se curve perante o Deus deles, perda cultura, cultura perdida, confundiram nossas mentes através do tempo” e “O currículo atual, eu coloco meu punho nele, eurocêntrico até o último, Veja certo através do disfarce vermelho, branco e azul”. Essa parte da música fala sobre uma perspectiva que aponta os não-europeus, e mais recentemente a não elite imperialista, enquanto culturas que devem se render ao movimento imperial, o currículo – elemento de poder – é o que deve ser combatido e pensando em outra estrutura.



“Histórias unilaterais por anos e anos, eu sou inferior? Quem é inferior? Certo, você precisa checar o interior do sistema que se preocupa com apenas uma cultura” e “Europa não é minha corda para balançar, a gente não pode aprender nada dela, mas a gente pode se segurar nela, a gente tem que a tomar, toma-la juntos”. A primeira frase fala sobre o currículo unilateral, que constrói a história a partir de uma perspectiva ou no conflito entre ideologias que ignoram as características regionais das lutas étnicas, já a segunda frase sintetiza a conclusão deste texto sobre a questão.

A dominação dos grupos étnicos, raciais, da conformidade das sexualidades e gêneros, da organização econômica amplamente desigual passa pela dominação dos currículos e mesmo entre as Ciências Humanas precisamos refletir sobre as possibilidades de contrapor a ideologia neoliberal. A música aqui utilizada como exemplo de reflexão é também um instrumento pedagógico para refletir, em sala de aula, sobre o papel destas ciências nos currículos em geral. É preciso pensar currículos que considerem as outras formas de viver e saber, os etnosaberes, as experiências dos movimentos sociais e superar a perspectiva que as Ciências são os elementos que devem orientar a vida: a vida ocorre independente das pesquisas e citações e uma educação que busca formalizar a vida é tão fascista quanto o desejo neoliberal de domínio global.

Referências

LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Coleccion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

MBEMBE, Achille. **A Crítica da Razão Negra.** Trad. Marta Lança. Antígona: Lisboa, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Saber, eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: Clacso, 2006.

